

OBRAS POÉTICAS
DE
EUGÉNIO DE CASTRO

VOLUME IV



Parceria A. M. Pereira, L^{da}

LISBOA



EUGÉNIO DE CASTRO NO ATENEU DE MADRID

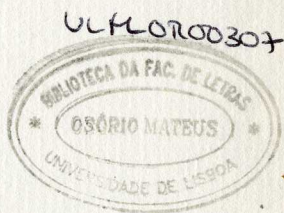
CARICATURA DE LUIS BAGARÍA

(1922)

OBRAS POÉTICAS
DE
EUGÉNIO DE CASTRO

IV

Salomé — A Nereide de Harlém
— O Rei Galaor — Saudades do Céu



1969

Parceria A. M. Pereira, Lda

LISBOA

x

O Rei Galaor

Cena I

DRAMATIS PERSONÆ

O REI GALAOR.

A RAINHA GUDULA, esposa de Galaor.

A PRINCESA SIBILA, filha de Galaor e de Gudula.

UM DESCONHECIDO.

GALAOR

me.

Cena II

Desconhecido e Gudula

Ab: em... m. m. Desconhecido e Gudula

GUDULA

estrangeiro-lhe disse que
era o filho do rei.

Reunida pelas mãos de luto e de dor

CENA I

Grande e taciturno salão revestido de velhas tapeçarias. Ao fundo, uma janela sobre o mar. À esquerda uma porta. Crepúsculo.

Pensativo e lúgubre, de olhos cerrados, Galaor está sentado ao pé da janela, numa cadeira de espaldas.

Gudula entra, melancòlicamente, com os olhos marejados de lágrimas.

GALAOR

estremecendo ao ouvir passos:

QUEM é?

Reconhecendo Gudula:

Ah! sim ... és tu ... Deixaste-a bem fechada?

GUDULA

entregando-lhe duas grandes chaves de prata:

Fechada, pobre flor! como os ladrões e as feras ...

GALAOR

Vemos, Gudula, então! ... quero-te resignada ...
Sempre, sempre a chorar, meu peito dilaceras ...
Quando é que enfim verei enxutos teus olhares,
Quando, quando será?

GUDULA

No dia em que a soltares ...

GALAOR

Nesse caso, ao beijar-me a Morte negra e fria,
Não saberei dizer, no tremor da agonia,
Se me choras a mim ou se choras por ela ...

GUDULA

Galaor! Galaor! ¿ Se procuras fazê-la
Ditosa, porque a tens numa torre cativa?
— Minha filha, ai de de mim! 'stá enterrada viva!

GALAOR

Não! eu nunca pensei em fazê-la ditosa,
Como nunca pensei, doce alma lacrimosa,
Em dar às nuvens vista, e às penedias fala;
Tendo-a presa na torre, o que eu quero é livrá-la
De tudo o que lhe pode acontecer ...

GUDULA

Meu Deus!

GALAOR

¿ Acaso julgas tu que ele te ouve nos céus?
Ilusão infantil!

Põe os olhos no mar:

As ondas, que além vês, não cessam de chorar,
De suplicar misericórdia em altos brados,
Não se calam, mas nós, a ouvi-las costumados,
Só as ouvimos quando a ouvi-las nos dispomos.

¿ De que nos servem pois os trágicos assomos
De luto e de aflição? Nossos fundos gemidos
Não impressionam mais, por muito repetidos,
O onipotente Deus, indiferente algoz,
¡ Para quem somos como as ondas são p'ra nós!

GUDULA

Não! não se esquece Deus das torturadas almas,
E com delícias mil, com viridentes palmas
¡ Premiará na morte as angústias da vida!

GALAOR

¿ Supões então que Deus, pobre mãe dolorida,
Justiça nos fará quando a Morte vier?
Pode ser ... pode ser ... mas também pode ser
Que ele nos veja como o mar estamos vendo,
É que olvide os que vão ao túmulo descendo
Como eu me esqueço, ao fim do dia claro e brando,
¡ Das ondas que, a chorar, além se vão quebrando!

GUDULA

Blasfemas!

GALAOR

Se blasfemo, é só Deus o culpado,
Ele que me fez ver no mar convulsionado
O símbolo da vida, um símbolo medonho,
¡ Que, acordado, me gela, e me apunhala em sonho!